

ISSN 2318-3985
Volume 7 Número 13
Jan - Jun 2019

ā

**VIOLÊNCIA:
UM ENSAIO SOBRE O CIRCUITO DA RELAÇÃO ENTRE
NARCISISMO E FASCISMO NA SOCIEDADE DEMOCRÁTICA**

Raissa Moreira Feliciano Oliveira

VIOLÊNCIA: UM ENSAIO SOBRE O CIRCUITO DA RELAÇÃO ENTRE NARCISISMO E FASCISMO NA SOCIEDADE DEMOCRÁTICA

Raissa Moreira Feliciano Oliveira

Psicóloga formada pela UNIABEU Centro Universitário, profissional do SUAS e pós-graduanda em Assistência Social e Saúde Pública. Foi bolsista de Iniciação Científica entre 2016 e 2018 (PIC UNIABEU).

RESUMO: Neste artigo pretende-se analisar através da Teoria Crítica da Sociedade, atravessada com a Psicanálise, o circuito da relação entre narcisismo e fascismo na sociedade democrática. Aprofundando em questões como o antissemitismo e propaganda fascista na democracia dos EUA, prossegue na problematização da relação do líder com os indivíduos da massa e de que forma essa relação se sustenta no fascismo.

Palavras-chave: narcisismo; democracia; antissemitismo; violência.

Esse artigo é parte de uma pesquisa de monografia que pretende expor o caminho teórico realizado por Theodor Adorno, percorrido para pensar o antissemitismo e propaganda fascista na sociedade democrática dos EUA, após o fim do Nazismo. Não é de interesse fechar questões ou ter uma conclusão, mas enunciar um trabalho de grande importância para época e que reflete até os dias atuais na construção de conhecimento e análise da sociedade.

Apresenta-se a Escola de Frankfurt, ou Teoria Crítica da Sociedade, como campo conceitual para o desdobramento da pesquisa, sendo este um movimento de ideias nascido no ano de 1920, na Alemanha. Não se tratava de uma escola na concepção moderna, de um lugar de administração de conteúdo, dividido em disciplinas, na qual um detentor do saber repassa seus conhecimentos, mas ao contrário disso, é incompatível com esta concepção. A Escola de Frankfurt recebe essa nomeação por abarcar diversos intelectuais, de diversos campos de saber, que articulam seus conhecimentos em busca de produção e conhecimento.

Dentre os teóricos estão Theodor Adorno, Walter Benjamim, Herbert Marcuse, Max Horkheimer, Franz Neumann e Friedrich Pollock. Integrados dialeticamente pela convivência de múltiplos e variados conhecimentos, estão unidos numa perspectiva chamada Dialética Negativa, que rejeita a realidade como única possibilidade e permite pensar o não-pensado, como crítica e possibilidade alternativa de futuro (SOARES, 2010, p. 474).

A teoria crítica não deve ser considerada ou tratada como hegemônica, mas contrário disto, devido aos pensadores que compunham a escola produzirem de

acordo com seu campo de saber e sustentando uma interlocução entre si, levando em conta a diversidade que a Teoria Crítica abarcava, havia sim algo em comum que os uniam, que era o interesse pelo Marxismo (SOARES, 2010, p. 476).

Uma característica que é interessante notar entre os frankfurtianos é o caráter ensaístico de suas produções intelectuais, que apontam para uma incompletude, uma reflexão que se coloca dialeticamente à reconstrução, visando a atualização de suas problemáticas na modernidade. Podemos atribuir esta particularidade por encararem a modernidade como uma totalidade concreta, sendo ela uma realidade em movimento que para sua compreensão é necessária constante elaboração, trazendo em si constantes desafios. A Escola de Frankfurt é o resultado do trabalho coletivo para tornar a sociedade inteligível como totalidade, não se configurou de repente, mas foram anos de construção para afirmação de seus interlocutores para os demais intelectuais da época, seguindo na proposta de tentar dar conta das inquietações do homem na modernidade (SOARES, 2010, p. 476-478).

Durante sua trajetória, a Escola de Frankfurt nunca demandou efetivamente a figura de um líder, mas com o tempo algumas produções e reflexões de determinados autores se colocaram com maior notoriedade e respeito. Dentre eles está Theodor Adorno (filósofo, sociólogo e músico) que ganhou especial destaque, sendo considerado até os dias atuais um dos grandes pensadores do séc. XX, evidenciando sua obra escrita com Horkheimer, *Dialética do esclarecimento*, considerada uma das mais instigantes e produtivas reflexões sobre o projeto da modernidade (SOARES, 2010, p. 476).

No ano de 1946, vivendo as marcas do fim do Nazismo, Theodor Adorno se debruça sobre o estudo do Antissemitismo e propaganda fascista na sociedade democrática dos EUA. Estava empenhado em analisá-los, pois acreditava que esta questão da profunda hostilidade e preconceito contra os judeus, outras etnias e religiões estavam diretamente ligados a aspectos psicológicos e sociais. Incomodava-se com a barbárie que foi instaurada pela Razão (baseada no Iluminismo) sem questionamento, na qual o regime fascista, o Nazismo, estava fundado. O totalitarismo era uma ideologia que envolvia as pessoas, como se pertencessem à elite que merece conhecer os obscuros mistérios da sociedade. Sempre permanecendo num nível de não argumentação, servindo-se de um fluxo organizado de ideias (ADORNO, 2015).

Antes de aprofundar essa questão que norteia o trabalho de Adorno, pretendo expor parte do trajeto de seu pensamento que permitiu a reflexão e análise do antissemitismo e propaganda fascista na sociedade democrática nos EUA, começando pela crítica à psicanálise revisada. Não se tratando de uma oposição de Adorno à psicanálise, mas contrário, trata-se de observações e divergências que alguns teóricos neofreudianos fizeram com a psicanálise, pois Adorno já utilizava a psicanálise para possíveis leituras do social. Entre os anos de 1937 e 1949, Adorno tem um segundo contato com a psicanálise, neste

momento, sendo ela uma força nos EUA marcado pelo contexto da Segunda Guerra Mundial. Parte dos psicanalistas foi exilado no EUA por conta de perseguições antissemitas. Muitos tiveram que fazer ou refazer cursos de medicina para se habilitarem à clínica, com esse cenário, surge uma grande dificuldade dos psicanalistas nos EUA, que era a de fazer a psicanálise ser reconhecida e legitimada segundo critérios cientificistas, bem diferente da psicanálise original. Diante deste impasse, se perceberam obrigados a dialogar com teorias locais como a teoria do desenvolvimento, o pragmatismo da medicina psicossomática e o culturalismo antropológico. Logo, neste cenário, a psicanálise começa a ser desdobrada em inúmeras abordagens clínicas (DUNKER, 2015, p. 14).

O termo “Psicanálise revisada” foi escolhida por Adorno por sugerir uma relação entre a renovação do pensamento de Freud, realizado pelos psicanalistas emigrantes dos centro-europeus nos EUA, e as variadas interpretações de Marx feitas pelos socialistas, partidos comunistas e etc. Os revisionistas americanos podem ser reunidos entre os culturalistas, como Erick Fromm, Karen Horney, dentre outros (DUNKER, 2015, p. 145).

A posição dos revisionistas em relação à Freud é ataca-lo por , segundo eles, se envolver em hábitos intelectuais do Séc. XIX. Em contra partida, fundamentam sua teoria com categorias que são meros resultados de dinâmica psicológica que foram hipostasiados e tomados antecipadamente como absolutos e defendem que Freud se fixou de forma ingênua em métodos próprios às ciências naturais. Horney na criação de sua teoria em detrimento da psicanálise tradicional introduz questões emocionais, impulsos, necessidades ou paixões em vez de libido; rejeita também o conceito de pulsão da teoria freudiana e invocam fatores ambientais que segundo os revisionistas explicam os conflitos neuróticos. E como resultado da rejeição do conceito da psicologia pulsional, recusam o cerne do papel das lembranças infantis (ADORNO, 2015a, p. 46-47).

Configuram sem crítica alguma a separação entre indivíduo e sociedade, falam demasiadamente da influencia da sociedade sobre o indivíduo e esquecem que indivíduo e a própria categoria de individualidade são produtos sociais. Uma psicologia social analítica “teria que descobrir forças sociais determinantes nos mecanismos mais íntimos de indivíduo” (ADORNO, 2015a, p. 52); e não destacar o indivíduo dos processos sociais para assim ser possível descrever as influências que formam os últimos. Quanto mais fundo a psicologia investiga as zonas críticas no âmago do indivíduo, pode perceber de maneira mais adequada os mecanismos sociais que produziram a individualidade; diferentemente, Horney ao unificar os determinantes da cultura e da psicologia individual perpetua sua separação (Ibid).

Adorno (2015a, p. 53) ressalta: “quanto mais se sociologizar a psicanálise, mais embotado se torna seu órgão para o conhecimento dos conflitos provocados socialmente”. Desta maneira, os revisionistas sublimam a própria análise,

em vez de analisar a sublimação, tornando assim aceitável universalmente e transformando a psicanálise em uma espécie de assistência social superior. A escola neofreudiana pretende ter um olhar parcialmente como cientista, sem preconceito e objetivo, que por inúmeras vezes não constata nada de sexual em fenômenos, e que segundo Freud são sexuais, representando importante hostilidade à teoria freudiana (Ibid.).

Para Adorno (2015a, p. 61), a revolta dos revisionistas e o que os levaram a se afastar da ortodoxia do pensamento freudiano foram primordialmente certos traços de autoritarismo. Não se devem negar tais traços, mas na tentativa inicial de libertação da psicanálise de seu engajamento autoritário, leva-se ao oposto, e compromete a psicanálise mais intimamente com a repressão que foi no caso de Freud, que não desafiou objetivamente a sociedade. Declara, “Freud tinha razão onde ele não tinha razão” (ADORNO, 2015a, p. 62), ao falar exatamente de sua cegueira diante da separação entre sociologia e psicologia, constituindo a partir disto a força de sua teoria, que é a resposta dos processos sociais que muitos revisionistas denominam a autoalienação do ser humano (Ibid.).

Mais tarde, por volta da década de 60, após 20 anos de suas inquietações, reflexões e críticas ao modelo de Sociologia, na qual já vinha sendo delineado, e que não compreendia a totalidade da sociedade e da Psicologia que não dava conta do fenômeno como todo, o autor percebe que a partir do fenômeno fascismo seria importante integrar a Teoria da Sociedade com a Psicologia, mais especificamente a Psicanálise, pois todo o esforço da psicologia em tentar compreender o homem e seu comportamento até aqui, foi insuficiente para uma boa análise. E especialmente uma Psicologia Social analiticamente orientada e dar fim à dicotomia psicológico x social, que pretendia e se pretende ainda nos dias de hoje ser superada (ADORNO, 2015b, p. 71-72).

Tal fato traz consigo uma dificuldade que impulsiona a necessidade de “completar a teoria da sociedade com a psicologia, sobretudo a psicologia social analiticamente orientada”. (Ibidem, p. 72). Neste trecho, podemos observar como se coloca a importância da teoria Freudiana para realização de uma leitura analiticamente orientada do social. Adorno (2015b, p. 86) realiza fortes críticas ao que ele chama de psicologismo e sociologismo. Segundo ele, é a demarcação da dicotomia psicologia e social, que até então estava totalmente nesse molde. Afirma que a Psicologia apresenta um sujeito privado da racionalidade social, um Eu autônomo e alienado em si mesmo.

O psicologismo em todas as suas formas, que toma o indivíduo como ponto de partida incondicional, é ideologia [...]. Os alienados de si mesmos ainda são, apesar de tudo seres humanos; as tendências históricas se realizam não apenas contra, mas também neles e com eles [...] (ADORNO, 2015b, p. 89).

A psicologia assegura o interesse do sujeito, porém de maneira isolada e abstrata, abstrata dos processos sociais, que de acordo com Marx são os processos de produção. A crítica leva em consideração o fato da psicologia não explicar, através de seus mecanismos, o comportamento social relevante. Quanto mais se isola o âmbito psicológico, quanto mais se pensa nele enquanto um campo fechado em si e autônomo, mais a subjetividade é dessubjetivada (ADORNO, 2015).

Quanto ao sociologismo mesmo que conectando conteúdos psíquicos/ subjetivos, preserva o momento objetivo do processo social e abstrai esses sujeitos a espontaneidade. “Disso provém à tentação de imitar ideais e procedimentos de ciências da natureza, que, entretanto, nunca apreenderão o objeto social propriamente dito” (ADORNO, 2015b, p. 91). Trabalhando com aquilo que já é mediado pelos dispositivos científicos, busca “assimilar em si o “fator subjetivo” e pensar que com isso se aprofunda, em contraste com mera captação de dados factuais, mas sempre incide em aporias” (Ibid). Com isso, a supervalorização de aspectos sociais sobrepõe o sujeito enquanto construído em interação com esse meio.

A relação entre psicologia e sociologia é compreendida de modo dialético, no sentido de ser correta e incorreta, tal dicotomia. “Incorreta, ao endossar a renúncia ao conhecimento da totalidade, que também impõe a separação; correta, na medida em que registra de forma não reconciliada a ruptura realmente consumada, em vez da unificação apressada no conceito”. Ambas reconhecem sua respectiva insuficiência, porém não se corrigem (ADORNO, 2015b, p. 90).

Logo, pretende-se elaborar a partir da teoria Adorniana, a questão do Antissemitismo, propaganda fascista e personalidade autoritária na sociedade democrática; e como essa relação transcorre no amago social é de extrema consideração. Visto que ele não opera com a dicotomia Social x Indivíduo, mas emprega a noção de dialética para realizar tal apreciação. O fascismo foi um regime ideológico que despertou a preocupação de Adorno por não conseguir explicá-lo em termos sociológicos puramente. Tal fato traz consigo uma dificuldade que impulsiona a necessidade de “completar a teoria da sociedade com a psicologia, sobretudo a psicologia social analiticamente orientada” (ADORNO, 2015b, p. 71-72).

Adorno, ao observar o antissemitismo e a propaganda fascista, analisa uma extensa amostra de propagandas antidemocráticas e antissemitas advindas de alguns agitadores da Costa Oeste dos Estados Unidos por palestras radiofônicas, panfletos e publicações semanais. Ele indica que o material estudado aponta uma abordagem psicológica, mais que em termos objetivos. E com isso objetiva “convencer as pessoas *manipulando seus mecanismos inconscientes*, e não apresentando ideias e argumentos” (ADORNO, 2015c, p.137-138; grifo do autor).

Adorno considera três características da abordagem predominantemente psicológica da atual propaganda fascista norte-americana.

- I. Trata-se de uma propaganda, essencialmente não objetiva. Os agitadores despendem grande parte de seu tempo falando sobre si mesmos ou sobre suas audiências. Eles se apresentam como lobos solitários [...].
- II. Todos esses demagogos substituem os fins pelos meios [...].
- III. Dado que toda ênfase dessa propaganda é promover os meios, ela mesma se torna o conteúdo último. Em outras palavras, ela funciona como um tipo de *realização de desejo* [...] (ADORNO, 2015c, p. 138-140; grifo do autor).

Certifica-se que as pessoas ao observarem atitudes fascistas não podem negar que até mesmo nos estágio de entusiasmo coletivo (hipnose de massa) “possuem um elemento de manipulação consciente, tanto pelo líder ele mesmo quanto pelo próprio sujeito individual, o que faz que dificilmente possamos falar do resultado de um contágio meramente passivo” (ADORNO, 2015c, p. 142).

Partindo deste trecho, indo à Freud em seu texto *Psicologia das massas e análise do Eu*, publicado originalmente em 1923, percebe-se que o termo “hipnose de massa” é apenas uma “metáfora fácil” (como observa Adorno, p. 142) para descrever a relação da massa com o líder. Freud diz que “a hipnose não é um bom objeto de comparação para a formação de massa, por ser, na verdade, idêntica a essa. Da complicada textura da massa ela nos isola um elemento, a relação do indivíduo da massa com o líder” (FREUD, 2011, p. 74).

Caminhando um pouco mais na discussão, Adorno compreende que para dar conta de ler os dispositivos individuais psicológicos desse formato social, o fascismo, é necessário uma interpretação psicanalítica e que este quadro de referência compreenda a abordagem geral de um agitador. Quadro esse fornecido por Freud em seu livro *Psicologia de grupo e análise do eu*, de acordo com Adorno, publicado muito antes de o perigo do fascismo alemão se mostrar crítico (ADORNO, 2015d, p. 156). Com a leitura psicanalítica, Adorno prossegue problematizando a relação do líder com os indivíduos da massa e como, de que forma, essa relação é sustentada no fascismo. Aos poucos, abrangendo os conceitos psicanalíticos, se chega num conceito fundamental, que irá promover o desenrolar de suas questões, que é a libido. Segundo o autor “um dos princípios básicos da liderança fascista é manter a energia libidinal primária em um nível inconsciente, de modo a desviar suas manifestações de uma forma adequada a fins políticos” (ADORNO, 2015d, p. 163).

“A agitação fascista está centrada na ideia do líder, [...] porque somente a imagem psicológica do líder é apta a reanimar a ideia do pai primitivo onipotente e ameaçador” (ADORNO, 2015d, p. 165). O líder fascista utiliza de mecanismos psicológicos para administrar a massa e as manter coesa. A imagem do líder é

essencial para a sustentação do seu lugar mediante cada indivíduo, que compõe a massa, e essa imagem ocupa um lugar que responde a um Ideal de Eu.

O mecanismo que transforma a libido no vínculo entre líder e seguidores, e entre os próprios seguidores, é o da *identificação*. A identificação atravessada à todas características do fascismo e ao líder que desempenha tal função, sob a figura de pai, vem a ser “a expressão mais antiga de um vínculo afetivo a outra pessoa”, desempenhando “um papel na pré-história do complexo de Édipo (ADORNO, 2015d, p.165-168; grifo do autor).

Mas, ressalta o autor, a imagem moderna do líder, sobretudo fascista, parece ser o engrandecimento da personalidade do próprio sujeito, uma projeção coletiva de si mesmo. A idealização apresenta o papel essencial do narcisismo em relação às identificações na formação de grupos fascistas. É essa idealização de si mesmo que o líder fascista tenta promover em seus seguidores. Com isso, o sujeito da/na massa faz de seu líder seu ideal e assim cada sujeito da massa o reconhece de forma igual; satisfazendo “um desejo duplo do seguidor em se submeter à autoridade e de ser ele mesmo a autoridade” (ADORNO, 2015d, p. 168-172).

O narcisismo incorporado nessa relação de identificação de massa – líder, sugere que existe uma população inclusa, pertencedor do grupo (*in-group*) e uma eliminação da outra parcela que não é pertencente ao grupo (*out-group*). Isso é explicado a partir do narcisismo, que na diferença em relação aos de fora do grupo se autoafirma, gerando nesse processo fúria, reação de violência. Seria “truque de unidade” padrão dos agitadores fascistas. “Eles enfatizam que são diferentes de quem está fora do grupo, mas minimizam tais diferenças dentro de seu próprio grupo [...]” (ADORNO, 2015d, p. 178).

Ainda muito distante de encerrar ou esgotar este assunto e ensaio, podemos caminhar mais um pouco e ser surpreendidos por uma pergunta bastante interessante e oportuna que o próprio Adorno (2015d, p. 180) coloca: “como os agitadores fascistas, rudes e semiformados como são, obtêm o conhecimento desses mecanismos?”.

Lembrando que ele faz a pergunta em referência à todo o processo de identificação da massa com a figura do líder, todo jogo consciente com o inconsciente e etc., e se põem a pensar em como isso seria possível, se possuíam tais conhecimentos e saberes psicológicos, para que assim pudessem manipular os sujeitos. Sua reflexão e resposta foram a seguinte: a fonte mais importante para todo “conhecimento” de como manipular os sujeitos é a própria identidade básica entre líder e seguidor, que compreende um dos aspectos da identificação. O líder reflete psicologicamente e por isso pode adivinhar as demandas psicológicas daqueles vulneráveis à sua propaganda, deste modo

se diferencia deles e distingue o que é latente neles. O encantamento que possuem sobre seus liderados está em grande parte na sua oralidade: “a própria linguagem, desprovida de seu significado racional, funciona de uma forma mágica e favorece aquelas regressões arcaicas que reduzem os indivíduos a membros de multidões” (ADORNO, 2015d, p. 181).

Como dito anteriormente, não cabe a este ensaio por fim às questões ou responde-las, mas trata-se de uma prévia de toda uma pesquisa de monografia que tem sido elaborada e ainda será concluída. Muitos foram os impasses teóricos até que Adorno pudesse dispor sua análise do antissemitismo e propaganda fascista na sociedade democrática nos EUA. Com esta pauta de trabalho pretendo ao longo da pesquisa responder como pensar a violência contida no Fascismo (de que modo e por que) a partir do circuito da relação com o narcisismo. Para isto é importante delimitar o que foi e o que representou a Teoria Crítica da Sociedade, as dificuldades e divergências teóricas encontradas na trajetória teórica e apresentar, enfim, o que é o Fascismo para Adorno no cenário que ele se propôs analisar, com uma leitura analiticamente orientada, permeada pela Psicanálise.

Referências bibliográficas:

- ADORNO, T. A psicanálise revisada. In: ADORNO, T. *Ensaios sobre Psicologia Social e Psicanálise*. São Paulo: Unesp, 2015.
- ADORNO, T. Sobre a relação entre sociologia e psicologia. In: ADORNO, T. *Ensaios sobre Psicologia Social e Psicanálise*. São Paulo: Unesp, 2015.
- ADORNO, T. Antissemitismo e propaganda fascista. In: ADORNO, T. *Ensaios sobre Psicologia Social e Psicanálise*. São Paulo: Unesp, 2015.
- ADORNO, T. Teoria Freudiana e o padrão da propaganda fascista. In: ADORNO, T. *Ensaios sobre Psicologia Social e Psicanálise*. São Paulo: Unesp, 2015.
- DUNKER, Christian Ingo Lenz. Apresentação à edição brasileira: Crítica da Psicologia. In: ADORNO, T. *Ensaios sobre Psicologia Social e Psicanálise*. São Paulo: Unesp, 2015.
- FREUD, S. Psicologia das massas e análise do eu (1921). In: FREUD, S. *Psicologia das massas e análise do eu e outros textos (1920-1923)*. Obras completas, VOL.15. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
- SOARES, Jorge Coelho. *Escola De Frankfurt: Inquietudes da Razão e da Emoção*. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2010.

Violence: an essay on the relationship between narcissism and fascism in the democratic society

Abstract: This article intends to analyze through the Critical Theory of Society, crossed with Psychoanalysis, the circuit of the relationship between narcissism and fascism in democratic society. Going deeper into issues such as anti-Semitism and fascist propaganda in US democracy, he continues to question the relationship between the leader and the individuals of the mass and how this relationship is sustained by fascism.

Keywords: narcissism; democracy; anti-Semitism; violence.